A Fome de Camões

António Duarte Gomes Leal

MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

A Fome de Camões

António Duarte Gomes Leal

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

Produced by Pedro Saborano. (This book was produced from scanned images of public domain material from Google Book Search)

A FOME DE CAMÕES

Gomes Leal

A FOME DE CAMÕES

(POEMA EM 4 CANTOS)

LISBOA

EDITORES

Empreza Litteraria Luso-Brazileira de A. Souza Pinto
e
Livraria Industrial de Lisboa & C.ª

MDCCCLXXX

1880--Typ. Occidental, rua da Fabrica 66--Porto

CANTO PRIMEIRO

TRAGEDIA DA RUA

Quando no mundo o Genio abandonado
expira á fome e ao frio, indignamente,
um livido remorso ensanguentado
sacode o mundo tenebrosamente.
Como o arrepio d'um terror sagrado,
alguma cousa grita intimamente:
como uma voz terrivel que suspira
nas cordas vingativas d'uma Lyra.

E essa Lyra é só feita d'ameaças.
Essa Lyra é só feita de vinganças.
Essa Lyra só falla de desgraças,
d'antigos crimes, de crueis lembranças.
Essa Lyra espedaça e quebra as taças,
calla os festins, e faz parar as danças,
e essa Lyra ai! da tragica innocencia
é a Lyra terrivel da Consciencia.

E a Lyra diz: O que fizeste, ó mundo!
das grandes almas unicas, sagradas,
das grandes frontes d'um sonhar profundo
que eram as frontes as mais bem amadas?
O que fizeste d'esse abysmo fundo
de vontades mais rijas do que espadas,
d'esses simples e santos corações
que faziam chorar as multidões?

O que fizeste d'essas linguas d'ouro
que sabiam pregar como os prophetas?
Como enxugaste o seu comprido chôro?

Como arrancaste as ponteagudas settas?
O que fizeste, ó mundo! do thesouro
que vós homens mortaes chamais poetas:
mas cujo nome d'harmonias bellas
só o sabem as Cousas e as Estrellas?

Deitaste ao lodo, á rua, e aviltamento
esses que adora a Natureza inteira,
esmagaste entre as pedras o talento,
os seus craneos quebraste, na cegueira!
As suas cinzas espalhaste ao vento!
Profanaste os seus louros na poeira!
E repousam sem lastimas nem lousas
os que viam as lagrimas das Cousas!...

Por isso me ouvirás em toda a parte
como um soluço e um grito vingador,
n'uma alta torre, atraz d'um baluarte,
entre os festins, nas convulsões do amor.
Na paz, ou levantando o estandarte
da guerra, escutarás a minha Dôr.
Por que eu, ó mundo! guarda-o na lembrança,
--Eu sou a Lyra, e a minha voz Vingança!

E o mundo escuta, indefinidamente,
a voz da Lyra a protestar terrivel.
Ouve-a na sombra, ou pelo sol poente,
se o vento dobra o cannavial flexivel,
ouve-a nos sonhos, ouve-a intimamente,
n'uma continua musica inflexivel,

até que emfim vencido n'esta liça
o mundo clama: Faça-se a Justiça!--

Era uma noute livida e chuvosa,
ermas as ruas, ermas as calçadas.
Nada cortava a solidão brumosa,
nem ais d'amor, nem gritos de facadas.
Das nuvens colossaes acastelladas
sómente a meia lua silenciosa,
boiava em morto ceu ermo d'estrellas,
como um navio que perdeu as vellas.

Quem é que cruza á chuva e á ventania,
á meia noute, as ruas solitarias?
És tu santa Miseria, que de dia
foges da luz do Sol, o pai dos párias?
Ou és tu Fome ou Vicio, que sem guia,
vaes nas noutes sem lua, mortuarias,
provocar o Deboxe e os estrangeiros
á baça luz dos tristes candeeiros?

Ó Destino! ó Destino!--eu sei a historia
de muitas das tragedias soluçantes,
de muito nome que esqueceu a Gloria,
de muitos prantos que cairam d'antes!
Sei que riscam teus dedos flammejantes,
como uma sina má, muita memoria,
e que nada ha maior e mais escuro
do que o brilhante e o bronze do teu muro!

Mas não quero contar o drama agora
do Brilhante, do Leque, e do Farrapo,
da meretriz que no bordel descóra,
do amor do Charco, do histrião, do sapo;
nem a farça de sangue a toda a hora,
do Ouro e do Velludo--o rico trapo,
nem a sina immoral sinistra e crua
da historia diabolica da Rua.

Um dia eu contarei a extranha lenda
ó Destino! dos teus encantamentos,
seguirei, passo a passo, a tua senda
ó Miseria! e direi os teus tormentos.
Para que a alma da Ralé aprenda,
contarei os crueis temperamentos,
Direi o Incesto a amamentar os filhos,
e o Parricida a esvasiar quartilhos.

Um dia accenderei a selva escura
das almas que suffocam á nascença,
das noutes só riscadas d'amargura,
como um phosphoro risca a treva densa.
E com a ponta d'um brilhante duro
marcar-te-hei ó tragica Doença
que vais, limpando as lagrimas internas,
fazer um _toast_ á Morte nas tabernas.

Um dia evocarei os teus mysterios,
ó tragedia da Rua e os teus segredos,
mais funestos que os tristes cemiterios,

mais profundos que os bastos arvoredos:
direi sonhos, desejos quasi ethereos,
desejos que teem azas nos degredos,
d'uma alma que ama o Azul, o Azul almeja,
como a agulha da torre d'uma egreja.

Um dia esfiarei todo o rosario
da Innocencia e da Fome aventureira,
do Luxo, do Egoismo solitario,
do Genio soluçante na trapeira,
da Virtude embrulhada em seu sudario,
pedindo esmolla á sua irmã rameira,
e o Crime dando bailes d'apparato,
em quanto o Justo expira no grabato.

Descobrirei as contas da Avareza
junto ao esquife d'uma virgem bella,
o Tedio bocejando á lauta meza,
a Fome da mansarda na janella,
a Inveja ululando contra a preza,
como uiva á lua a lugubre cadella,
e o Suicidio, nas manhãs geladas,
espedaçando o craneo nas calçadas.

Um dia cantarei a ladainha
da Desgraça e da Forma triumphante,
da Espada que tilinta na bainha,
da Mascara que ri e passa avante,
da Fome que ergue as mãos e se definha,
do Leque, da Batina, e do Brilhante

das lagrimas mortaes do eterno Entrudo,
das miserias do Cancro e do Velludo.

Por que tem muito que cantar o imperio
e o inferno da Carne e dos desejos,
porque é eterno e livido o mysterio
da Morte. São eternos os almejos.
Por que ha lagrimas do berço ao cemiterio,
ha lagrimas no Amor e até nos beijos,
prantos communs e de grotescos traços
nas miserias dos reis e dos palhaços.

Porque tem muito que cantar as scenas
ó Rua! das extranhas odysseas
das tuas festas, procissões serenas,
do negro sangue que te agita as veias.
Por que ha remorsos, lagrimas e penas
entre os motins e os frenesins das ceias.
Por que n'esta funesta e eterna farça.
ai! tanto chora o actor como o comparsa.

Por que ha bastantes corações vencidos,
altos desejos que não mais voaram,
sinistros ais e intimos gemidos
lagrimas mudas que se não choraram.
Sim, ha soluços que não são ouvidos,
lagrimas mortas que se congelaram,
n'uma miseria, um abandono nobre
como um enterro n'uma rua pobre!

Porque ninguem conhece onde termina
o tregeito que rí, soluça, engana,
porque a eterna Mascara domina,
e é uma esfinge cada face humana.
Porque a Morte em nós ceifa uma ruina,
quando nos rouba na aza deshumana,
e esta mulher que ri com tanta graça,
é talvez uma lagrima que passa!

Mas agora eu só conto o Irrevogavel,
mais monstruoso do que um sonho ardente,
conto a historia funesta, inexoravel,
do Genio morto á fome, indignamente.
Quero narrar o que é o innarravel!
fazer sentir o que jámais se sente,
fazer chorar o choro masculino
Do Genio contra a noute do Destino!

O Genio é um archanjo refulgente
que enrista a lança contra a escura Sorte,
tem no seu gesto uma expressão potente,
que diz: eu quero! e empallidece a Morte.
Para o Vulgo porem vil inclemente,
e o Destino esse cego antigo e forte,
é um guerreiro tragico e proscripto,
e a fronte tem como um luar maldito.

Este vulto, portanto, que caminha
altas horas, ao frio das nortadas,
é Camões que de fome se definha

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com